TEILHARD EM PORTUGAL Hoje

Boletim da Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin em Portugal

ABRIL-SETEMBRO 2010 ANO IV Nº 12

SUMÁRIO:

✓ **RETRATOS de Teilhard de Chardin**

✓ **TEILHARD em Portugal – ontem: A coerência dos fenómenos convergentes em Teilhard de Chardin**
Pe. Vasco Pinto de Magalhães sj

✓ **LIVROS sobre Teilhard:**

Teilhard de Chardin au feu de l'amitié
Nicole Timbal

CRISTIANISMO E EVOLUCIONISMO
John F. Haught

✓ **ORANDO com Teilhard:**
« Le Milieu Divin »

✓ **LA PENSÉE de Teilhard**

Ω

Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin em Portugal

R.Vila Catió, 397
6º esq.
1800-348 LISBOA
teilhard.portugal@sapo.pt
www.teilhard-world.com

Divulgue a AAPTCP junto dos seus amigos

UMA SÍNTESE DA MINHA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA DO MUNDO

Teilhard de Chardin

Ponto de partida e chave do sistema inteiro

"Existe, propagando-se contra a corrente através da Entropia, uma vertente cósmica da Matéria em direcção a estados de ordenação cada vez mais complicados (isso, na direcção - ou no interior - de um "terceiro infinito", *o Infinito de Complexidade,* tão real quanto o Ínfimo ou o Imenso). E a consciência apresenta-se experimentalmente como o efeito ou a propriedade *específica* dessa Complexidade levada a valores extremos."

Se aplicarmos à história do Mundo a lei de recorrência (chamada "de complexidade-consciência"), vemos desenhar-se uma série crescente de pontos críticos e de desenvolvimentos singulares que são os seguintes:

1) Ponto .crítico de vitalização

Nalgum lugar, no nível das Proteínas, uma emergência inicial da Consciência produz-se no interior do Pré-vivo (ao menos para nossa experiência). E, graças ao mecanismo concomitante de "reprodução", a elevação da Complexidade acelera-se na Terra por *via filética* (génese das espécies ou especiação).

A partir desse estágio (e no caso dos seres vivos superiores) torna-se possível "medir" a marcha da Complexificação orgânica pelos progressos da cerebração. Graças a esse artifício, destaca-se, no interior da biosfera, um eixo privilegiado de Complexidade-Consciência: o dos Primatas.

2) Ponto crítico de reflexão (ou de Hominização)

Em consequência de alguma mutação cerebral "hominizante", que se produziu nos Antropóides no final do Terciário, a Reflexão psíquica, não apenas *saber,* mas *saber que se sabe,* irrompe no Mundo e abre um domínio inteiramente novo para a Evolução. No homem, sob a aparência de uma simples "família" zoológica nova é de facto *uma segunda espécie de vida* que começa (a Noosfera).

3) Desenvolvimento da Co-reflexão (e ascensão de um ultra-humano)

Aplicado ao grande fenómeno da Socialização humana, o critério de Complexidade-Consciência dá indicações decisivas. Por um lado, na sociedade humana, um irresistível e irreversível arranjo técnico-cultural, de dimensões noosféricas, progride manifestamente. E, por outro, por efeito de co-reflexão, o espírito humano não cessa de se elevar colectivamente (graças às ligações tecidas pela técnica) para a percepção de dimensões novas: organicidade evolutiva e estrutura corpuscular do Universo, por exemplo. A *Dupla* "organização-interiorização" reaparece aqui com evidência. O que significa que, diante dos nossos olhos, o processo fundamental de Cosmogénese continua como antes (ou mesmo recomeça mais acelerado).

Considerada na sua totalidade zoológica, a Humanidade oferece o espectáculo único de um *phylum* sintetizando-se orgânica e psiquicamente em si mesmo. Na verdade, uma "corpuscularização" ou um "centramento" da Noosfera *as a whole* sobre si mesma.

4) Probabilidade de um ponto crítico de Ultra-reflexão no futuro

Se fizermos uma projecção para o futuro, a convergência técnico-sociomental da Humanidade sobre si mesma impõe a previsão de um paroxismo de Co-reflexão, a uma distância finita em nossa frente no Tempo: paroxismo cuja melhor definição (e, mesmo, a única possível) é ser um ponto crítico de Ultra-reflexão. Não poderíamos naturalmente imaginar nem descrever tal fenómeno (que aparentemente implica uma evasão do Espaço e do Tempo). Entretanto, certas condições energéticas precisas às quais o acontecimento previsto deve satisfazer (activação crescente, no homem, do "gosto de evoluir" e do "querer-viver" à medida que ele se aproxima) obrigam-nos a pensar que ele coincide com um acesso definitivo ao irreversível (já que a perspectiva de uma Morte total deteria imediatamente, por desânimo, o avanço da Hominização).

É a esse termo superior da Co-reflexão (ou seja, de facto, da unanimização) humana que dei o nome de "Ponto Ómega": foco cósmico personalizante de unificação e união.

5) Verossimilhança de uma reação (ou "reflexão") de Ómega sobre o Humano em via de Co-reflexão (Revelação e Fenómeno cristão)

Quanto mais reflectimos na necessidade de um Ómega para sustentar e animar a continuação da Evolução hominizada, mais percebemos duas coisas: a primeira é que um Ómega puramente conjectural (puramente "calculado") seria muito débil para alimentar no coração do Homem uma paixão suficiente para o fazer hominizar-se até o fim. E a segunda é que, se Ómega realmente existe, é difícil conceber que o seu supremo "Ego" não se faça sentir como tal, de algum modo, em todos os "Ego" incoativos (ou seja, para todos os elementos reflexivos) do Universo. Desse ponto de vista, a velha e tradicional ideia de "Revelação" reaparece e reintroduz-se (desta vez pela biologia e pela energética evolutiva) na Cosmogénese. E, também desse ponto de vista, a Corrente Mística Cristã ganha um significado e uma actualidade extraordinários.

Pois, se é verdade que, com toda necessidade energética, o processo de complexidade-consciência exige absolutamente, para se realizar, o calor de alguma fé intensa, é igualmente verdade (o que salta aos olhos se nos dermos ao trabalho de observar o panorama geral) que nenhuma fé se mostra, neste momento, capaz de assumir plenamente (amorizando-a) uma Cosmogénese de convergência, excepto a fé num Cristo "pleromizante" e "parusíaco", *in quo omnia constant.*

Nova York, 14 de Janeiro de 1954 (traduzido de T. XI, pp. 331-6).

(Texto enviado por Teilhard a Claude Tresmontant e a Jeanne Mortier, em Janeiro de 1954, um ano antes da sua morte em Nova York)

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA | PORTO
FACULDADE DE TEOLOGIA

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE
PIERRE TEILHARD DE CHARDIN EM PORTUGAL

"UMA VISÃO EM *ÓMEGA*"

CURSO ABERTO
SOBRE O PENSAMENTO TEILHARDIANO

LUÍS SEBASTIÃO - UNIVERSIDADE DE ÉVORA
20 NOVEMBRO 2010 (9.30 às 13.30): VIDA, OBRA E VISÃO CIENTÍFICA

MICHEL RENAUD - UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
5 FEVEREIRO 2011 (9.30 às 13.30): VISÃO PROSPECTIVA

ALFREDO DINIS, S.J. - UNIVERSIDADE CATÓLICA, BRAGA
30 E 31 DE MARÇO 2011 (18.30 às 20.30): VISÃO TEOLÓGICA

VASCO PINTO DE MAGALHÃES, S.J. - AAPTCP
17 E 18 DE MAIO 2011 (18.30 às 20.30): VISÃO ESPIRITUAL

LOCAL: UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA | PORTO - PÓLO DA FOZ
(10 EUROS)

INFORMAÇÕES E/OU INSCRIÇÕES: UCP: Mireille Arrifana: marrifana@porto.ucp.pt / 226196291
AAPTCP: António Paixão: teilhard.portugal@sapo.pt / 912341356

O CURSO TEM LUGAR NA UNIV. CATÓLICA DO PORTO – PÓLO DA FOZ

Do livro "Teilhard de Chardin, au feu de l'amitié", *de Nicole Timbal* [1], *traduzimos um capítulo central, em que nos é dado um retrato de Teilhard. A autora, que apenas o conheceu através da sua obra, capta, na correspondência que o Padre trocou com as amigas que cruzaram a sua vida, os traços mais profundos da sua natureza mística e profética. É, pois, o retrato da pessoa espiritual que nos é dado neste trecho revelador do humanismo crístico de Teilhard de Chardin.*

A mulher sob o olhar de Teilhard

O padre Teilhard – todos os amigos o testemunham – pela distinção, o charme do seu sorriso, a sua conversação brilhante, o verbo amável, malicioso e pleno de humor, atraía os olhares e seduzia. Homem de sociedade, por tradição e educação, punha no contacto com as pessoas uma grande cortesia e uma certa distância. «*A fine gentleman*», como era chamado pelos seus amigos americanos!

Ele próprio nunca se retraiu, tendo sido sensível ao charme feminino, e numerosas amigas gravitaram em seu redor. Claude Rivière[2] explica bem, com grande lucidez, o porquê desta atracção:

«Não tendo conhecido no seu meio senão mulheres excepcionais, a mãe, as irmãs, as primas, tinha um verdadeiro culto da mulher e do papel que ela desempenha na Evolução.»

Mas é a sua prima Marguerite Teillard-Chambon quem abriu o caminho das suas amizades. Foi o ponto de partida dum espantoso desabrochar de relações espirituais, sem nenhuma dúvida animado pelo Espírito e no qual o Padre laborará largamente, realizando-se. Em *Le Cœur de la Matière*, ele escreveu : «O Homem elementar ficaria inacabado se, no encontro com o outro sexo, não se inflamasse na atracção cêntrica de pessoa a pessoa», e aqui revela-se bem o Teilhard apaixonado, ardente, sensível aos encontros e inclinado ao louvor de tudo o que é criado e remete para o Criador. O Fogo, o Fogo descido ao Coração do mundo, que o *penetra, o toma, o absorve* e transforma todas as coisas.

Como nos diz o Padre Arnould, as amizades femininas de Teilhard «ensinam-nos muitas coisas sobre a sua personalidade, a sua humanidade, a sua maneira de partilhar as suas convicções e empenhamentos». Mas, muito para além da partilha, há, como vimos, uma procura de sentido, de plenitude. Ele testa as suas ideias e dá-lhes expressão sob o olhar das suas amigas.

Maravilhado, descobre, a partir da sua relação com Marguerite, que a ressonância que se estabeleceu entre o seu pensamento inicial e o que lhe é devolvido pela sua interlocutora é fecunda e liberta o que se encontrava em génese. Compreendeu então que, para crescer, revelar-se e ultrapassar-se, era necessário que um olhar feminino se detivesse sobre o seu próprio íntimo! A partir daí, o seu pensamento deixou de ser unilateral e, tal como a sua visão do mundo e o seu olhar sobre Deus, passará a proceder do feminino e do masculino.

[1] Ver apresentação desta obra na pág. 10 deste Boletim

[2] Jornalista francesa com quem Teilhard privou nos anos 30, durante a sua estadia na China e que escreveu uma obra sobre a amizade que os uniu.

Teilhard não prescinde das amizades femininas. «Tal como de luz, de oxigénio ou de vitaminas, o homem, nenhum homem, pode passar sem o feminino», escreverá ele, um dia, em *Le Cœur de la Matière* ! É a mulher quem, efectivamente, lhe revela todas as suas possibilidades e completa a «sua pesquisa da matéria e o seu amor pelo Universo». No final de *Le Cœur de la Matière*, escreveu ainda: «O mais vivo do tangível é a carne. E, para o Homem, a carne é a Mulher.» A *carne*, para Teilhard, não é para ser tomada no sentido do Ser inteiro, como em S. Paulo, é antes do *incarnado* que ele fala: o corpo, os seus encantos, as suas necessidades, os seus desejos.

Através de *ela*, ele descobre a beleza, não somente a *beleza aparente*, mas aquela que é espelho do Ser e da Alma… aquela que diz todo o Ser profundo, oculto, inacessível, que é fonte e que fecunda. O «primado da alma»! Assim, iluminada por dentro, a mulher torna possível outra coisa e Teilhard tem a fulgurante intuição que esta alteridade, este encontro em profundidade do que se esconde e palpita no fundo do coração da mulher, pode transfigurar o seu pensamento, fazê-lo nascer para alguma coisa de outra ordem, pôr à luz todas as facetas do *seu possível* e fazer eclodir as potencialidades latentes nele, a parte mais oculta de si próprio!

As suas ideias mais audaciosas nasceram sob o olhar duma ou doutra das suas amigas. Para que elas eclodissem, tinha necessidade desta cumplicidade, deste aval implícito. Procurava um espelho, um escuta atenta, uma disponibilidade que lhe devolvesse a sua própria imagem, que reforçasse e confirmasse o seu pensamento, sem que essa procura fosse narcísica ou egocêntrica. Com efeito, ele não cessa de dar graças pelo dom da amizade que é um caminho para Deus, uma via suprema em que todas as possibilidades encontram a completude na plenitude.

Escreve à sua prima: «é preciso utilizar preciosamente e acolher com reconhecimento as amizades que Nosso Senhor coloca no nosso caminho», e, se elas nos fazem crescer, ajudam-nos também «a provar aos outros e a nós mesmos que a seiva do nosso poder de amar não tem raízes no egoísmo, mas vem de Deus e para Deus volta». É uma Epifania… Teilhard soube sempre observar «a regra que fixa de uma para outra alma a vereda luminosa da amizade».

Nem deriva, nem ambiguidade, nem frustração, tudo foi para ele claro e luminoso e pôde, assim, viver numerosas e profundas amizades, uma vez que era livre de laços carnais. Essas relações não fecham, pelo contrário, abrem largamente ao Universal e projectam, por sua vez, a mensagem cristã de que era portador. A coesão entre o amigo e o padre foi sempre perfeita.

Só o Espírito Santo pôde ajudá-lo a gerir e a estimular essas relações amigáveis, com delicadeza, sem dissimulações nem ambiguidades. Muitas das suas amigas compreenderam-no e mantiveram-se sempre no tom do louvor que se elevava, pela amizade, a duas vozes para o Senhor. Outras, pelo contrário, sentiram-se feridas, frustradas pela incompletude duma relação de que esperariam outra coisa. Estas não viram, na amizade que ele lhes propunha, a *função formadora do ser*, a que «completa a alma associando-a a outras almas que lhe tão destinadas».

«Para bem se conhecer um homem, é preciso ler-se a sua correspondência», dizia lord Halifax. A leitura das carta de Pierre Teilhard de Chardin às suas amigas é, com efeito, um dos meios mais seguros de penetrar no íntimo do seu pensamento, da sua espiritualidade, e de lhe conhecer toda a riqueza, a extraordinária profundeza e a diversidade que convergem sempre para o essencial: a sua Fé nesse «Deus de Amor que é o Alfa e o Ómega», como o designam na noite de Páscoa as letras inscritas no círio Pascal.

Era bem necessária a riqueza espiritual dum Teilhard, a sua capacidade de interioridade e de oração, a sua escuta do Espírito, para entrar tão positivamente na aventura dessas relações, sem aí nada experimentar que não fosse inteiramente *divinisável.*

A coerência dos fenómenos convergentes
em Teilhard de Chardin

Padre Vasco Pinto de Magalhães s.j.

VER [3]

As Linhas de Força do Presente

«Ver. Pode dizer-se que toda a vida consiste nisto. Se não finalmente, pelo menos essencialmente». «Ver» é o Prólogo do «Fenómeno Humano», e não só nos títulos do livro, mas, sobretudo, na realidade: a vida humana é essencialmente Ver e Prever, como característica da reflexão, para, finalmente, se unir. «Ser mais é unir-se mais: tais serão o resumo e a conclusão desta obra (O Fenómeno Humano). Mas, como veremos, a unidade não aumenta senão sustentada por um acréscimo de Visão» [4]. Se a actividade humana por excelência é Ver, é necessário, para ser fiel a si mesmo «ver as coisas como elas são, realmente e intensamente». E desde logo com um primeiro cuidado: «se queremos viver... temos que superar essa insensibilidade que tende a esconder-nos as coisas à medida que elas se tornam demasiado próximas e demasiado grandes» [5]. Isto é: importa «Ver» e «fazer ver». E nós tentaremos seguir os passos de Teilhard na sua Visão do Universo e no seu pensamento do qual nos diz: «não se exprime numa metafísica, mas numa espécie de fenomenologia» [6], este Ver e mostrar o Real pelo que aparece: uma espécie de sensibilidade e captação do que aparece e depois se explica. Teilhard deixou esta definição de filosofia: *«Filosofar é organizar as linhas de realidade em volta de nós»* [7]. E no início de «O Lugar do Homem na Natureza», apresenta-nos o programa: «tentarei mostrar como é possível, olhando as coisas de suficientemente alto (primeira condição), ver as desordens de pormenor com que nos sentimos perdidos *fundirem-se numa vasta operação orgânica e dirigida,* onde cada um de nós tem o seu lugar, atómico, sem dúvida, mas único e insubstituível: — O Homem dando o seu sentido à História; — «O Homem, único parâmetro absoluto da evolução» [8].

Comecemos então o nosso olhar para o Real que nos rodeia e penetra. Importa ver primeiro as suas Propriedades, depois as grandes Leis por que se rege, e, finalmente estudar os conflitos que se apresentam para prospectar soluções.

As 'Propriedades' «não constituem para nós um Objecto especial (aquilo que o nosso conhecimento busca), mas são uma *condição geral de conhecimento».* Teilhard dá-lhes esse nome dizendo: «aquilo que aparece primeiro numa filosofia é um conjunto coerente de relações harmonizadas. Mas esse conjunto nunca se estabelece senão por um Universo concebido intuitivamente com certas propriedades determinadas». E adverte ainda: «Se mudam as 'propriedades' toda a filosofia terá que se reajustar. A inteligência está cheia destas mutações, que não são tanto mudança de ideias, mas do espaço em que elas se constituem» [9]. Se se entende isto perde-se o medo à mudança; e entende-se até que mudar implica, coerentemente, mudar todo o espaço: pois nada é indiferente, no conjunto, às variações mais particulares. O nosso mal é, muitas vezes, não ter coragem para todas as consequências daquilo que no particular já admitimos.

Quais são essas 'propriedades'? (Se elas mudam, toda a filosofia será afectada)

a. a 'universalidade' da Vida que importa Ver:

— «Deixar de olhar a *vida* como um epifenómeno, mas *olhá-la à grande escala.* Não como uma anomalia, mas a essência mesma do Fenómeno»;— «Importa *ligá-la 'íntima e estruturalmente'* ao enorme euniversal fenómeno da complexificação da Matéria»;

— «Olhar a Vida como *em Pressão por toda a parte»* (...) [10].

b. a *Evolução e a Duração,* estas, são as propriedades que constituem a Visão fundamental: «a vida, uma vez aparecida é incapaz de não utilizar todas as oportunidades e todos os meios para chegar ao extremo de tudo o

[3] "Ver" é 1º capítulo deste artigo da autoria do Padre Vasco Pinto de Magalhães s.j., publicado na Revista Portuguesa de Filosofia, Tomo XXVIII, Fasc. 3, Julho-Setembro, 1972

[4] T. I, p. 25

[5] T. IV, pp. 57, 59.

[6] T. de C, *Ma position intellectuelle,* (ref. bibl. no texto).

[7] T. V, p. 78

[8] T. VIII, p. 21

[9] T. V, p. 79

[10] T. VIII, pp. 27, 128 e 50

que pode atingir, exteriormente, de Complexidade e, interiormente, de Consciência; —O Mundo algo que se arranja; — O Homem, *aquilo sobre que* e *em que* se enrola o Universo» [11].

Para Teilhard a Evolução já não é uma mera hipótese, mas Condição que afecta tudo, para que tudo possa ser pensável e Verdadeiro.

E, simultaneamente, «o que faz e classifica um homem de 'moderno' (e neste sentido uma multidão dos nossos contemporâneos não são ainda modernos) é ter-se tornado *capaz de ver,* não somente no Espaço, não somente no Tempo, mas na Duração; ou, o que é o mesmo, no Espaço-Tempo biológico. E é achar-se incapaz de ver alguma coisa de outro modo — nada — a começar por si mesmo» [12].

Ver a realidade da Evolução é tanto mais importante quanto «a alma dessa Evolução, hoje, é o nosso espírito de investigação e de conquista», pois já não estamos a fazer só ciência, mas, simultaneamente, encontramo-nos no campo moral. Teilhard acrescenta que «quando a natureza chega ao homem adquire um carácter moral». Isto é: a Evolução tomou-se um problema moral, vamos ter de nos comprometer, e é possível afirmar e adquirir a certeza moral desta evolução. Se o fluxo da evolução corresponde a uma subida na linha da consciência, «na nossa consciência, em cada um de nós, é a Evolução que se descobre a si mesma, reflectindo-se» [13].

Destas 'propriedades' mais dinâmicas se deixa já entrever uma dualidade na constituição de toda a realidade. Ê o que Teilhard chama:

c. o Dentro e o Fora das coisas. Coexistentivo com o fora das coisas impõe-se-nos uma Interioridade. Não podemos duvidar porque «no fundo de nós mesmos, sem discussão possível, apareço um interior... E isto é suficiente para que, num grau maior ou menor, este 'interior' se imponha como existindo por toda a parta o desde sempre» [14]. O facto é que a própria exterioridade das coisas a que estamos tão habituados seria impensável sem um Dentro.

O Dentro é uma condição de inteligibilidade, mas podemos ver mais alguma coisa nesta face interna 'consciente' que acompanha sempre e necessariamente a face externa 'material' ? Antes de mais lembremos que olhando a vida à grande escala, «para uma perspectiva coerente do Mundo a vida supõe inevitavelmente e a perder de vista para trás dela, a Pré-vida» [15]: eis que aqui se esconde um crescimento. Mas como vê Teilhard esta «face interna inseparável», que entende por 'consciente'?

Colocando-se «do ponto de vista fenomenal» (o da ciência), «cujo fim é apenas Ver — e não explicar», procura «estabelecer na Natureza uma cadeia de sucessão experimental e não uma ligação de causalidade 'ontológica'», de modo que as suas observações só tomarão o seu verdadeiro valor se tivermos o cuidado de as manter encadeadas: — «Por razões de homogeneidade e continuidade, adivinhamos a pré-vida participando da estrutura e propriedades corpusculares do Mundo... O Atomismo é uma propriedade comum ao Dentro e ao Fora das Coisas» [16]. Isto é: olhando o Estofo do Universo o mais remotamente possível no passado vemos que tanto por dentro como por fora tende a dissolver-se numa poeira de partículas: «perfeitamente semelhantes entre si (pelo menos a grande distância); co-extensivas cada uma à totalidade do domínio cósmico; e misteriosamente ligadas entre si por uma Energia de Conjunto». Mais: as duas faces correspondem-se de tal forma que passamos de uma para outra apenas pela substituição de «inter-acção» por «consciência» na definição dos centros parciais do Universo.

«O termo 'Consciência' é tomado na sua acepção mais geral para designar toda a espécie de psiquismo, desde as formas mais rudimentares que se possam conceber de percepção interior até ao fenómeno humano de conhecimento reflexo» [17]. A Consciência deve ser vista como propriedade cósmica de grandeza variável, cujos termos inferiores se perdem na noite...

Consciência, Dentro e Espontaneidade serão três expressões de uma mesma realidade. A uma consciência mais desenvolvida corresponderá um edifício mais rico e melhor organizado, variando na razão inversa da simplicidade do composto material que «dobra»: «Perfeição espiritual (ou 'centração' consciente) e síntese material (ou complexidade) não são mais que duas faces ou partes ligadas dum mesmo fenómeno» [18].

Numa comparação, cada ser é visto como uma elipse que se constrói sobre dois focos conjugados que variam solidariamente no mesmo sentido. Um Foco de organização material e um Foco de centração psíquica. E nos estados do Universo de elementos muito numerosos, os centros de consciência — inúmeros e desligados — submetem-se às leis estatísticas, manifestando-se apenas por efeitos de conjunto. (É o domínio da Físico-Química). Mas pouco a pouco os elementos menos numerosos, mais individualizados, vão escapando à Lei dos

---

[11] Idem, p. *50*
[12] T. I, pp.242 e 2413
[13] Idem, pp. 245, 246 e 248
[14] T. I, p. 52
[15] Idem, p. 53
[16] Idem, pp. 54, 55 e 56
[17] Idem, p. 53, nota 1
[18] Idem, p. 56

Grandes Números, e transparece a sua espontaneidade, não mensurável, e podemos segui-los no mundo da Biologia.
Mas em que espaço se situa toda esta visão ?

d. É outra 'Propriedade' que é preciso ver: que o Mundo está espacialmente edificado sobre *3 Infinitos.* Já não nos basta a concepção vulgar que se move entre um Infinitamente Pequeno e um Infinitamente Grande, mas exige-se uma terceira dimensão, que aliás é a interioridade e ligação das outras duas: o *Infinitamente Complexo* com o seu efeito próprio, a Vida.

Depois do *ínfimo,* caracterizado pelos seus efeitos próprios — «os Quanta» —, e do *Imenso* caracterizado pela «Relatividade», vem o *Imensamente Complexo* que tal como o Imenso está enraizado no ínfimo mas diverge seguindo a sua própria direcção com seu efeito específico — a vida — com duas séries de propriedades únicas: — as externas (assimilação, reprodução...) e as internas (interiorização, psiquismo) [19].

E, mais uma vez, temos a visão da Vida não como anomalia sem ligação com o resto da Física, mas, como sugere a curva de corpusculização para a experiência científica, um efeito da Matéria Complexificada— propriedade co-extensiva a todo o Estofo Cósmico, mas para nós só perceptível a partir de certo valor crítico. Então, materialismo! Ou visão alargada do espiritualismo que não se contenta em dizer que é excepção mas tem a coragem de ir buscar o fundamento da excepção que vemos na unidade da «Matéria» de dupla face, num dinamismo de complexificação? (ou não fosse a vida a comunicação de um só acto criador...).

Chegados a este ponto estaríamos prontos para buscar as Leis deste dinamismo de complexificação — escondido — estendido a todo o universo.

Ora a primeira lei seria esta que provém da própria visão dinâmica e alargada, a tal ponto que essa lei é ainda uma 'propriedade', condição do nosso conhecimento, lei da nossa visão (fundada na própria maneira de ser do Real) e portanto *lei* que rege as outras leis.

e. Lei Geral de Recorrência: tudo o que se verifica em qualquer parte do Universo acerca de qualquer fenómeno, se verifica também, ainda que de modo diferente, de todos os outros fenómenos, em qualquer tempo, em qualquer espaço, e assim se repete periodicamente.

Alguns dirão que não é mais do que aquilo a que os Escolásticos chamaram Analogia. A verdade é que esta é Condição de possibilidade de conhecer, condição prévia para Ver. Nós pensamos e conhecemos «recorrendo»[20].

Que significado tem esta lei? No início do «Ensaio de uma Dialéctica da União» pode ler-se: «invencivelmente, apesar de todas as objecções teóricas que procuram desencorajá-lo, o nosso espírito permanece convencido que, subjacente à multidão avassaladora dos acontecimentos e dos seres, *uma certa regra fundamental,* muito simples, se dissimula. E cuja descoberta e formulação tornariam o Universo inteligível na totalidade do seu desenvolvimento» [21]. Ê uma obstinação instintiva, tão antiga como o homem, buscar o Uno no Múltiplo. E acrescenta: é a própria persistência dessa obstinação, na continuidade de Aristóteles, Espinosa, Leibniz, Hegel, Spencer... que indica ser possível encontrar essa Regra. Com uma vantagem para Teilhard (e para nós), não por ser melhor que esses seus antepassados, mas pela posição privilegiada de quem é levado aos ombros deles, «porté sur les épaules», e que lhe permite Ver de mais alto e até criticar a sua herança incalculável. «Eis a razão por que me atrevo a apresentar sob a forma de proposições (ou leis) encadeadas, um ensaio de explicação universal: não uma síntese 'a priori', geométrica, a partir de uma dada definição de 'ser', mas Lei de Recorrência Experimental, verificável no campo fenomenal, e convenientemente extrapolável à totalidade do Espaço-Tempo. Não uma metafísica abstracta, mas uma Ultrafísica realista da União» [22].

Audacioso objectivo! Mas vejamos essas «4 Grandes Leis» desta Ultrafísica, sem esquecer que são também de recorrência, extrapoláveis à totalidade do Espaço-Tempo.

1) A Lei de *Complexidade-Consciência.* É o «eixo e guia de toda a obra», «o eixo principal de crescimento e direcção», tal como lhe chama em O Lugar do Homem na Natureza: eixo principal de enrolamento cósmico, parâmetro de evolução [23]. E é por ela, por esta realidade, que a Recorrência se impõe ao nosso olhar.

Aparece ainda com outros nomes: Lei de eomplexidade-consciência [24] ou Coeficiente de centro-complexidade [25]. Coeficiente que «só ele pode fundar uma classificação verdadeiramente natural dos elementos do Universo. Só ele é a verdadeira medida absoluta do Ser nos seres que nos rodeiam», pois, como vimos, a um aumento de complexidade e organização corresponde um aumento proporcional de consciência, de eentração (de alma).

---

[19] T. VIII, pp. 33 e 34
[20] T. III. pp. 318-321 e cfr. *Ma position intellectuelle:* nota 6
[21] T. VIII, p. 105
[22] Idem, pp. 105, 106; e cfr. T. V, pp. 116, 143 e *227* / T VI p 73 / T. IX, pp. 74 e 81 / E. T. G., p. 180.
[23] T. VIII, pp. 67, 70
[24] Idem, pp. 58, 142
[25] Idem, p. 107

Como os nomes mostram, são muitos os caminhos para esta lei. Em 'Science et Christ ou Analyse et Synthèse', pelo «processo de análise» encontramos a «lei de hierarquia e de complicação crescente na unidade»[26].

Resumindo: encontramos aqui o fio condutor que nos guiará através da multiplicidade e, depois, colocará diante de um novo e importantíssimo problema: o da existência e da necessidade (ou não) de um Foco de síntese universal, pois um dinamismo não se pode entender sem finalidade. Esta disposição de crescimento, complexificante, hierárquica, que agora vemos no universo não pode ser expressão de um equilíbrio estático. Mas em tudo se revela um movimento que não 'apesar-de', mas por 'exigêneia-de' todos os dualismos que nos surgem (sejam as energias Radial e Tangencial, os movimentos Para-cima e Para-diante, ou os sucessivos momentos do desenvolvimento cósmico, divergêneia-convergência, pedindo 'conciliação' num terceiro momento — emergência), se chegará à conclusão de que «só há uma interpretação possível: um mundo que converge» [27]. Esta é a segunda lei:

2) *lei de Convergência.* Um sistema de tensões não pode ser arbitrário, para-nada, se nele se verifica um dinamismo de centro-complexidade. Se o Universo representa um sistema em via de centro-complexificação interna é convergente. «A evolução não corresponde exactamente, como dizia Spencer, à sua passagem do homogéneo ao heterogéneo, mas à passagem de um heterogéneo disperso (desunido) a um heterogéneo organizado (unificado)» pela convergência [28].

«Tudo o que sobe converge» [29] é o resumo de uma visão por tantas formas repetida e explorada na sua obra. Visão «optimista» de um Mundo com sentido. Mas se temos aqui o critério das passagens a uma maior unidade, também vemos que nem tudo nos é dado ver neste movimento cósmico.

3) A lei da *Perspectiva cósmica:* «É impossível captar o verdadeiro começo de alguma coisa» [30]. Os verdadeiros começos escapam a toda a experiência directa. Esta estranha lei surge-nos como uma fatalidade barrando-nos o caminho quando tentamos reconstruir o passado que parece ter o cuidado de 'apagar' precisa mente o que mais interessaria: os começos e as passagens [31]. Por exemplo: a origem de uma intuição ou de uma ideia, da língua de um povo, a origem, a fortiori, de uma espécie ou 'folha* zoológica... escapa. Escapam-nos por natureza as origens humanas. Mas isto não é uma falha, é o nosso modo mesmo de ser, de nascer: «Em que consiste o corpo humano?» [32]. O nosso corpo — pensemos na interdependência, nas interligações — onde (e quando) começa e acaba?

Uma coisa é certa, somos. E o movimento está lançado.

Para onde, que fim ?

4) Lei da *Irreversibilidade:* a subida convergente, o «Processus» é irreversível.

A questão vem da preocupação de saber (ver) onde nos levam as linhas de força do presente, mas a resposta só nos pode ser dada pela pre-visão. Mais, é a nossa real capacidade de Prever que nos revela e garante a realidade desta lei.

A irreversibilidade do processo cósmico afirma-se na medida em que o nosso ser se manifesta (e é) abertura ao futuro.

Diremos adiante mais qualquer coisa. Agora, como última questão para Ver devemos ainda dirigir o olhar para os «conflitos» que a realidade apresenta à nossa volta e, como «filósofos», queremos organizar.

A solução dos conflitos.

Talvez devêssemos ter começado por aqui, pela linearidade, por vezes enganosa, com que se formula uma lei. De facto a resposta a estes conflitos está na base ou é paralela às 4 Leis Cósmicas.

O primeiro conflito que se põe é saber se o universo é Estático ou Dinâmico; estaremos numa paragem — está tudo feito — ou a realidade é dinamismo a continuar? As linhas de força que vimos já apontando a solução: «com os olhos bem abertos... o universo não pode mais ser entendido como uma *ordem,* mas como um *Processus,* não como um Cosmos mas uma Cosmogénese» [33]. E se é processus, onde? para quê? (2.° conflito). Se queremos avançar, nós mesmos temos de entrar no processus e mais urgente se torna Ver-como. Mais concretamente, o homem vive entre dois ideais (o do céu e o da terra), uma atracção e uma libertação; ora não basta ver que somos um Processus, que há uma lei de crescimento, mas importa ver onde vai, como se dá, como

[26] T. IX, p. 156
[27] T. VIII, p. 144
[28] T. VII, p. 109
[29] T. V, p. 242 e Cahier T. C. n.° 2, p. 7
[30] T. VIII, p. 93
[31] Cfr. Idem, pp. 42 e 55.
[32] T. IX, p. 33
[33] T. V, p. 341

conciliar a Convergência que vemos e pressentimos com as tensões ou os «começos» que a experiência nos não dá?

Resolver os conflitos, para Teilhard, é «fazer ver onde... e como...» [34]. E quem não se pergunta pelas perspectivas do futuro?

a. Para Cima ou Para Diante? Procurando ver «au Coeur du Problème», Teilhard busca a solução entre fé e ciência numa síntese libertadora, pois não se trata de escolher entre duas 'tentações' radicais — avançamos «só para cima» ou «só para diante» —, nem dum compromisso fácil entre céu e terra, — mas de «tirar a resultante, já que vejo claramente que ambas as forças são reais». E terá de haver solução sem rejeitar nenhuma delas, «menos que a alma humana esteja mal feita e seja contraditória nas suas aspirações» [35].

Eis o nosso método, tirar a resultante. E mais que conciliar, descobrir a harmonia em desenvolvimento, a cosmo-génese. As forças que Vemos, por contraditórias que pareçam, devem 'resultar' e sair reforçadas uma pela outra: duas formas de libertação para uma libertação maior que vem da união. Aliás Libertação quer dizer «dom a um maior que si mesmo» [48].

6. *Energia Radial ou Tangencial?* Por toda a parte vemos dois tipos de forças em acção. Umas, mais interiores, mais responsáveis pela complexificação das coisas pelo Dentro. Outras, mais espaciais, e directamente observáveis nos fenómenos físico-químicos, enquanto que as primeiras só são perceptíveis nos seres organizados. Mas ambas crescendo em cada ser e no universo.

No 'Fenómeno Humano' começa-se por falar de uma Energia espiritual e outra material. Com simplicidade se reconhece a sua *interacção:* «para pensar é preciso comer»; mas também a sua *independência:* «quantos pensamentos diversos pelo mesmo bocado de pão!» Note-se não só a riqueza mas a quantidade: esta bastaria para provar a independência e para rejeitar a ideia simplista de uma transformação directa de energia material em espiritual (física em psíquica) e tirar-nos as veleidades de encontrar um «equivalente mecânico» da Vontade e do Pensamento [36].

Então, se a solução das duas energias não está numa consequência, nem num «impossível dualismo de fundo», «nós admitiremos que toda a energia é de natureza psíquica». (Eis a solução). «Mas em cada elemento dividida em duas componentes: a Energia Tangencial (que torna o ser solidário dos elementos da mesma ordem) e Energia Radial (que o atrai na direcção de um estado mais complexo e mais centrado, para a frente)» [37].

c. E por último o conflito: *Entropia ou Vida?*

As energias tangenciais estão mais comprometidas com o ínfimo e o Imenso e nelas distinguimos as forças de Expansão pelas quais o universo se expande e desenvolve e, depois, a *Entro-pia,* a degradação de energia, tendência para um equilíbrio de desordem em que as forças mutuamente se anulam — estado de mínima informação e máxima probabilidade: dispersão e morte. Por outro lado, está também em acção a eomplexidade-consciência, a energia mais comprometida com o 3.° Infinito, responsável pela Vida [38].

Depois de atingida uma certa perfeição e complexidade — de crescimento ou de estrutura — própria para cada ordem dos seres, parece que as forças de destruição acabam por impor-se e não há mais que render-se-lhes. Para cada ordem se sobe do in-arranjado até ao seu máximo de arranjamento, para depois entrar em decadência. Mas, quando na evolução se chega ao homem, este não pode admitir em si mesmo este desfecho absoluto, sob pena de tudo perder o sentido e tudo se tornar contraditório: pelo «Passo da Reflexão» (passagem ao ser capaz de reflectir e reflectir-se) atinge-se a «incrível capacidade de prever», como diz Teilhard, pela qual o homem se ultrapassa e não pode voltar atrás (até porque já vai à frente de si mesmo). Ê uma exigência interior que garante a irreversibilidade — a menos que o homem esteja mal feito — e dá novo rumo à curva da vida: algo nela se liberta e ao chegar ao ponto crítico a curva divide-se: parte inflecte e continua a ascensão, só o resto se degrada.

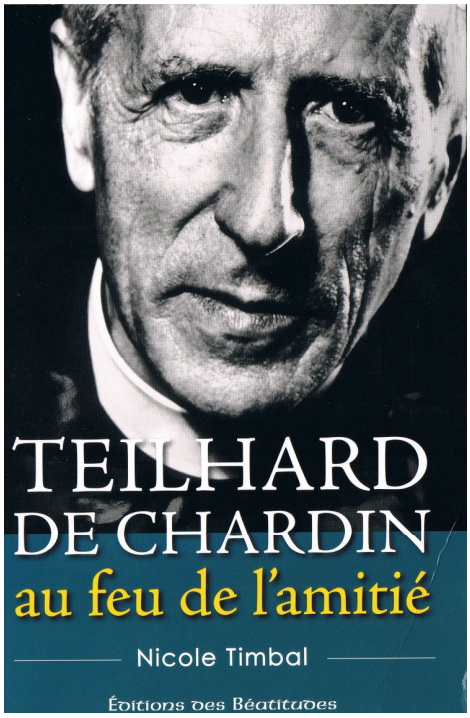
«A consciência desenvolvendo-se (conforme às exigências da Termodinâmica) em função da Entropia, escapa à 'desorganização' por efeito específico da Reflexão, quer como uma Energia à parte, 'de segunda espécie'; quer como uma fracção interiorizada da Energia comum. Isto é: para cobrir inteiramente a economia evolutiva do Universo (vida inclusa), um terceiro princípio, o da *Reflexão de Energia,* deve ser acrescentado e associado aos já admitidos da *Conservação* e *Degradação de Energia»* [39].

Esta é a continuidade do Processus e aquilo que é preciso ver. No homem, chegado à Reflexão, «a Evolução ao mesmo tempo que se torna, simultaneamente self-consciente e (pelo menos axialmente) self-operante, torna-se automaticamente *previsora do seu futuro»* [40].

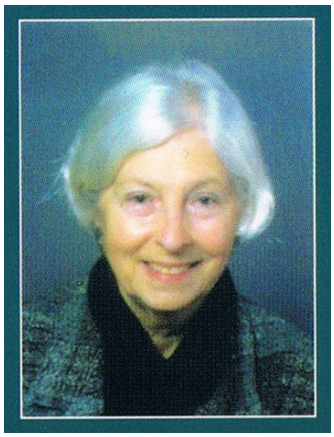
---

[34] Idem, p. 340
[35] T. V,pp. 344, 346
[36] T. I, pp. 60, 61
[37] T. I, pp. 62, 265
[38] T. VII, pp. 46 e 47
[39] T. VII, pp. 345 a 352 e 353
[40] Idem, P. 348

TEILHARD DE CHARDIN
au feu de l'amitié



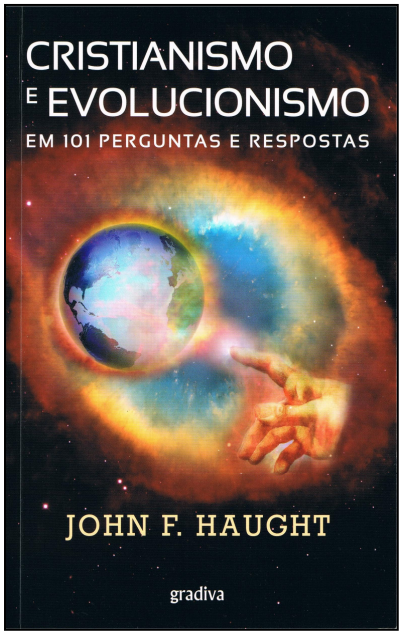
«A vida de Teilhard de Chardin foi rodeada duma constelação de amizades que constituíram o cadinho em que ele afinou o pensamento e as intuições. Entre essas amizades, Nicole Timbal debruçou-se particularmente, e com um olhar feminino, sobre a correspondência que manteve com as suas inumeráveis e diferentes amigas.
Ela mostra-nos como esta alma mística, sensível, soube encontrar um eco do Feminino e explorar nas suas fontes os meios de expressão para dizer a sua procura contemplativa de Deus e a sua paixão de absoluto.
Cientista, teólogo e poeta, o padre Teilhard de Chardin tem uma grande contribuição a dar na nossa época que oscila entre o feminismo militante e a discriminação. Este padre espantoso, cujas amigas foram mulheres belas, inteligentes, por vezes artistas e sempre dotadas duma personalidade forte e brilhante, soube mostrar como a mulher é a que inspira, faz acontecer, permite ao homem realizar o seu próprio trabalho de criação.
Numa hora em que se coloca de forma nova a questão do lugar da mulher na Igreja, este livro traz-nos uma contribuição extremamente preciosa sobre a complementaridade homem-mulher no plano de Deus e o aspecto unificador que pode revestir a presença feminina na vida de um homem.»



Esta é a tradução da notícia de contra-capa da obra "Teilhard de Chardin, au feu de l'amitié", *de Nicole Timbal, editado em 2009 por Éditions des Beatitudes, Nouan-le-Fuzelier* (ed.beatitudes@wanadoo.fr , www.editions-beatitudes.fr).
Nicole Timbal *nasceu em 1936 numa família não praticante. Descobriu Cristo enquanto estudante do liceu, por influência do capelão e de amigos, e as suas leituras conduziram-na às obras de Teilhard de Chardin. Exerceu durante algum tempo a profissão de farmacêutica biologista e veio a assumir diversas outras responsabilidades: catequese, catecumenato, pastoral dos doentes e de pais de alunos, bem como preparação para o matrimónio, com o marido, professor em Val de Grace.*

CRISTIANISMO E EVOLUCIONISMO

John F. Haught



Esta obra de John F. Haught, publicada em 2001 nos Estados Unidos sob o título *Responses to 101 Questions on God and Evolution* (Paulist Press), foi editada entre nós pela Gradiva, em Agosto de 2009.

Fazemos a ela referência nesta rubrica de livros sobre Teilhard de Chardin, não propriamente porque toda a obra o seja, mas porque o autor fecha o livro com um capítulo em que compara as posições de Teilhard com as do filósofo e matemático britânico seu contemporâneo Alfred North Whitehead, criador da chamada «teologia do processo».

Já no nº 3 (2007) do nosso Boletim, "Teilhard em Portugal – Hoje", se fez referência a J. Haught, ao apresentar um seu artigo intitulado «Que se passa no universo ? Teilhard de Chardin e Alfred North Whitehead», reproduzido no nº 21 da Revista "Teilhard Aujourd'hui", da nossa congénere francesa, em que precisamente se faz a aproximação daqueles dois pensadores.

Esta obra de J. Haught aqui em apreciação reveste-se dum enorme interesse para quem se preocupa com questões relacionadas com a evolução e sobre elas teve ainda recentemente a oportunidade de se debruçar durante o ano Darwin, que decorreu em 2009. A nota de contracapa da edição portuguesa diz-nos: *"A discussão gerada em torno das implicações das ideias de Charles Darwin para a religião dura há quase século e meio e continua tão acesa como nos primeiros tempos. Pergunta-se: A evolução anula a crença numa criação de origem divina? O «criacionismo científico» constitui uma alternativa razoável à evolução? Como poderia um Deus misericordioso permitir a impessoalidade insensível da selecção natural? O presente livro responde a estas e outras perguntas, sob a forma de diálogo – ainda e sempre em curso – entre crença religiosa e ciência empírica. Tomadas no seu conjunto, as respostas nele contidas fornecem uma perspectiva ampla da forma como as pessoas tentam explicar o mundo em que vivem de um modo factual e religiosamente compreensível."*

Das 101 questões colocadas e respondidas no presente livro, as nº 93 a 101 estão contidas no referido capítulo de fecho da obra, intitulado "Teilhard de Chardin e Alfred North Whitehead". Destacamos algumas dessas questões ali respondidas: *Quais são as principais ideias de Teilhard sobre Deus e a evolução? Segundo a teologia do processo, qual é o sentido deste universo em evolução? Qual é o sentido das nossas vidas neste universo em evolução?*

Haught é um teólogo leigo americano, nascido em 1942, que desde 1969 faz parte do departamento de teologia da Universidade de Georgetown (Washington, fundada pelos jesuítas no século XVIII). A sua vasta obra foca principalmente as relações entre a fé cristã e as ciências da natureza, com posições críticas face às correntes criacionistas e daqueles que julgam encontrar na biologia o suporte para a tese do *«intelligent design»*. Terá sido graças a Teilhard de Chardin que Haught descobre, quando estudante durante os anos do Concílio Vaticano II, a dimensão cósmica da fé cristã. Segundo ainda a nota de contracapa atrás citada, Haught é «considerado evolucionista teísta, encara[ndo] a ciência e a religião como dois níveis de explicação diferentes e não concorrentes entre si».

5º RETIRO ANUAL

Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin em Portugal

4 (fim do dia), 5 (todo o dia), 6 (domingo, saída ao fim da tarde) de Fevereiro de 2011

Casa de Exercícios de Santo Inácio
(Praia Grande, Colares)

orientado pelo

Padre Vasco Pinto de Magalhães s.j.
(na óptica da espiritualidade de **Teilhard de Chardin**)

PREÇO DA INSCRIÇÃO (por pessoa): €20.00 (não sócios), €15.00 (sócios),
Custo de estadia completa na Casa de Retiros (2 dias): €76 por pessoa
Preço de refeições tomadas isoladamente: € 13 (não residentes)

Data limite de inscrição : 20 de Janeiro de 2011
(por ordem de data de chegada, com prioridade a sócios, até ao limite máximo de 50 pessoas)
Confirmação após recepção de cheque, com valor da inscrição, à ordem de AAPTCP

NOTA
A indicação de disponibilidade dos interessados não casais para a PARTILHA de quartos, permitirá acolher um número superior de participantes

(destacar pelo picotado)

FICHA DE INSCRIÇÃO PARA O 5º RETIRO DA AAPTCP, 4, 5 e 6 DE FEVEREIRO DE 2011

Nome(s): _____
(indicar entre parêntesis se é casal)

Associado da AAPTCP: nº _____ **Não-associado da AAPTCP:** _____
(assinalar com **X**)

Contacto: telefone _____ telemóvel _____
e-mail _____

Ocupação de quarto: (assinalar com **X**)

casal _____ **individual** _____ **não residente** (só refeições) _____
Se individual, indicar disponibilidade para partilhar o quarto: sim ____ não ____

Data: _____ **Assinatura:** _____

Enviar, acompanhado do pagamento da taxa de inscrição
(€15 associados, €20 não associados), para:

AAPTCP, R. Vila Catió, 397, 6º esqº, 1800-348 LISBOA (tlm: .912 341 356) ou
teilhard.portugal@sapo.pt

Pensamentos escolhidos por Fernande Tardivel
(Teilhard de Chardin, "Hino do Universo", Ed. Notícias,
2ª ed., 1996, tradução de Miguel Serras Pereira)

AS DURAÇÕES PRODIGIOSAS

que precederam o primeiro Natal não estão vazias de Cristo, mas penetradas pelo seu influxo poderoso. É o frémito da sua concepção que move as massas cósmicas e dirige as primeiras correntes da biosfera. É a preparação do seu parto que acelera os progressos do instinto e a eclosão do pensamento na Terra. Deixemos de nos escandalizar tolamente com as expectativas intermináveis que o Messias nos impôs. Eram necessários nada menos do que os labores medonhos e anónimos do Homem primitivo e a longa beleza egípcia, e a expectativa inquieta de Israel, o perfume lentamente destilado das místicas orientais, e a sabedoria cem vezes refinada dos Gregos para que na haste de Jessé e da Humanidade a Flor pudesse desabrochar. Todas estas preparações eram cosmicamente, biologicamente, necessárias para que o Cristo entrasse na cena da Humanidade. E todo este trabalho era movido pelo despertar activo e criador da Sua alma na medida em que essa alma humana fora eleita para animar o Universo. Quando Cristo apareceu entre os braços de Maria, acabava de elevar o Mundo à transcendência.

«***Mon Univers, 1924***», (Tomo IX, Obras Completas)

LA PENSÉE de Teilhard

«*Initialement, c'est-à-dire, il a un siècle, l'Homme s'était considéré d'abord comme un simple observateur, puis, après Darwin, comme un simple rameau de l'Évolution. Or voici que maintenant, par suite même de cette incorporation à la Biogénèse, il commence à s'apercevoir que par lui passe la tige principal de l'arbre de la Vie terrestre. La Vie ne se diversifie pas au hasard, en tous sens. Mais elle laisse voir une direction absolue de marche vers les valeurs de conscience croissante ; et, sur cet axe principal, l'Homme est le terme le plus avancé que nous connaissons. Le voilà en train de reprendre la tête : non plus dans la stabilité, mais dans le mouvement ; non plus en qualité de centre, mais sous forme de flèche du Monde en croissance. Néo-anthropocentrisme, non plus de position, mais de direction dans l'Évolution.*»

(«Évolution de l'idée d'évolution», *1950, Tomo III, pág. 345)*
Pierre Teilhard de Chardin

Faça dos seus amigos, amigos de Teilhard de Chardin.
Divulgue a AAPTCP